

REFLEXÕES PRELIMINARES PARA AÇÕES INCLUSIVISTAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA VIDA DE PESSOAS CONFINADAS

Gerson Machado¹

RESUMO:

Este artigo expõe reflexões desenvolvidas na mesa redonda “Interfaces entre a Arqueologia, Educação Patrimonial e Inclusão Social” realizada em 15.10.2014, na IX Reunião da SAB SUL, no campus Joinville da Univille. É um relato de experiências de uma ação pontual de educação patrimonial, junto a um grupo de apenados da Penitenciária Industrial de Joinville que tiveram acesso às discussões advindas da interação com o patrimônio arqueológico. Sobretudo, apresenta aspectos das idiossincrasias envolvidas em trabalhos com este público, bem como, as inquietações do educador frente à situação de confinamento de seres humanos e aos princípios construtivistas de uma ação de educação voltada à práxis-libertadora.

Palavras-chave: Educação patrimonial, Inclusão, Memória, Patrimônio Arqueológico.

REFLEXÕES INICIAIS

Antes de mais nada gostaria de apresentar uma breve reflexão sobre a temática da IX reunião da SAB-SUL: “Arqueologia, patrimônio e interdisciplinaridade”. Como membro da comissão organizadora e científica destaco que tudo foi pensado com muito carinho e esmero. Assim, a marca do evento alia fragmentos artefatuais dos primeiros habitantes da região litorânea do que, hoje, denominamos Joinville, no caso os trançados dos sambaquianos. É um trançado de fibras vegetais, muito raras de serem encontradas em sítios arqueológicos de tipo sambaqui, devido à fragilidade de seus materiais, bem como, pelo tempo de existência (por volta de 3 mil anos A.P.). Como os tecidos de hoje, tramas e urdiduras se trançam e formam um delicado tecido que sugere ser algum tipo de recipiente. Temos evidências de que o uso desses materiais serviram, também, como tecnologia de construção, à medida que serviram como elemento de fixação de estruturas mais robustas, como o sistema de aterramento de regiões alagadiças, construídas por estacas de madeira, dispostas horizontal e verticalmente, fixadas por fibras vegetais. Longe de querer dar maiores explicações

¹ Possui doutorado em História – UFSC, Especialista Cultural/ Educador de Museus- Fundação Cultural de Joinville – Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville / FCJ – MASJ. E-mail: gerson_machado@uol.com.br.

sobre a materialidade desses artefatos, gostaria de tomá-las como metáfora-síntese que orientou a organização de tal evento. Digo isso, pois, a primeira situação que tivemos que resolver para propor a realização deste encontro foi o de estabelecer uma temática e uma marca que conectasse o passado, ou no dizer de Reinherdt Koselleck “o espaço da experiência”, o presente e o futuro que no dizer deste mesmo autor seria o “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006).

Na representação iconográfica colocamos os artefatos do passado sobrepostas a uma rede com pontos de entrecruzamentos, os quais numa perspectiva deleuziana podem sugerir que a construção de saberes não mais acontecem de forma monolítica, centrada numa única disciplina, como se fosse possível separarmos a existência humana em caixinhas. Apoiado, mais uma vez na reflexões do filósofo francês, esse empreendimento que entende que a construção do conhecimento pode acontecer de forma isolada, como as raízes pivotantes de algumas grandes árvores. Sabemos o quão esplendorosas elas podem ser, atingindo, inclusive altura impressionantes. Todavia, sabemos o quão frágeis são essas espécies que podem sucumbir frente às intempéries ou até mesmo frente às ações humanas que extinguiram florestas inteiras.

O pensamento interdisciplinar que trazemos humildemente à reflexão nesta reunião se assemelha há uma rede descentrada, uma rede rizomáticas, no dizer de Gilles Deleuze. Esta se caracteriza, grosso modo pelo fato de não possuir uma centralidade, muito menos um eixo mais importante do que outro. A estratégia de existência e sobrevivência das plantas que possuem tal sistema radicular, é a falta de uma centralidade, a ausência de um indivíduo único que possa se sobrepujar a outros, sendo desta forma alvo fácil de ser combatido. Aqui o que propomos é a articulação de uma rede descentralizada. Todavia, em atendimento a um campo específico do saber este é um encontro que procura refletir sobre o campo de atuação da Arqueologia. Sempre aprendi que este campo do conhecimento só pode ocorrer e se perpetuar se a atuação se der em rede, acrescentaria aqui, de forma descêntrica. Assim fica mais difícil de se exterminar “esta planta” pois suas raízes buscam nutrientes em diversos espaços do solo. Todos os que cultivam plantas sabem da dificuldade que é exterminar ou mesmo controlar o crescimento de plantas como o bambu e outras mais que dispõem dessa característica.

Neste sentido a mesa constituída reflete bem o espírito do evento, primeiro pela temática proposta, assim como pelas distintas formações profissionais e regiões de onde provêm. O que temos em comum? O trabalho incessante com o Patrimônio Cultural! Aqui faço minhas as palavras de Varine Bohan, publicadas no livro “As raízes do futuro: o desenvolvimento a serviço do patrimônio local” que ao fazer uma reflexão política acerca do uso do patrimônio lança-nos um desafio: [o patrimônio é um] [...] capital [...] herdado. Essa afirmativa é bastante óbvia para todos nós, certamente. Entretanto ele nos adverte:

o que significa que os herdeiros devem administrá-lo: conservar no sentido físico do termo não é suficiente. É preciso **fazê-lo viver, produzir, transformar-se, para permanecer útil**. Isto significa uma profunda tomada de consciência, de geração em geração, não apenas do conteúdo do patrimônio, mas também das exigências de sua gestão (BOHAN, 2013, p. 37, (grifos meus)).

Eis o nosso grande desafio tornar vivo aquilo que já que foi constituído num “espaço de experiência” que não mais existe e está no pretérito. Desafio ainda maior transformá-lo, para mantê-lo útil. A questão utilitária aqui passa longe do pensamento pragmatista, certamente. Estaria muito mais alinhada a uma perspectiva na qual o patrimônio cultural herdado teria a função de continuar dando às diversas formas de vida no planeta sentidos, não mais um telos alcançável, uma teleologia como muitas correntes ocidentais se propuseram, efemeramente, especialmente nos séculos XIX e XX, e aqui cito duas tentativas, o cientificismo e o marxismo. Contemporaneamente nossas demandas são outras, até por que estas duas correntes, entre tantas, foram responsáveis pelo extermínio de milhares e milhares de vidas e de ecossistemas inteiros. Não nos cabe aqui citar todas, mas é importante lembramos o que foi os campos de extermínios durante e após a segunda-guerra mundial, bem como, as ações altamente poluidoras que afetou muitos ecossistemas planeta afora.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tornar vivo para nós que trabalhamos na linha de frente da comunicação do patrimônio é a nossa tarefa cotidiana. Nesse sentido, gostaria de trazer para a reflexão uma experiência vivenciada, em 2014, no quadro de atuação profissional junto ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Cotidianamente a equipe do Setor de Educação do MASJ é demanda, para apresentar o patrimônio cultural aos mais diversos segmentos da sociedade. Ressalto que o nosso principal público é o infanto-juvenil (dos 7 aos 15 anos), vinculados às unidades escolares de Joinville e região. A maior demanda é pelo atendimento desse público, na sede do museu. Para tanto, temos preparado um conjunto de materiais e estratégias pedagógicas atendendo às diversas necessidades de linguagem comuns a essa faixa etária. Eventualmente, somos demandados para atendimentos fora do espaço museal, o que pode ocorrer nos sítios arqueológicos que possuem uma estrutura mínima para recepção de grupos, assim como, na eventual impossibilidade de deslocamentos dos grupos para fora das unidades de ensino, ocorre o deslocamento de nossa equipe até elas. Neste último caso disponibilizamos materiais e atividades pedagógicas diversas, à exemplo dos atendimentos no museu.

Pois bem, uma dessas demandas partiu de uma escola situada dentro da penitenciária industrial de Joinville. Essa unidade prisional é uma das poucas existentes no Brasil que é administrada de forma partilhada entre o estado e a iniciativa privada

a empresa privada recebe do estado a tarefa de administrar o presídio, o que inclui fazer a segurança interna e prestar serviços básicos aos detentos, como alimentação, vestuário e atendimento médico. Ao estado cabe fiscalizar o trabalho da empresa, fazer o policiamento nas muralhas e decidir sobre como lidar com a indisciplina dos detentos².

Dentro da penitenciária os apenados têm a possibilidade de se formar, saindo com o ensino técnico-médio, completo. Também, atuam em trabalhos diversos nas plantas industriais montadas na penitenciária, recebendo salário para isto, o qual é revertido na manutenção das instalações e em benefício próprio, bem como, de suas famílias.

Diante de tal convite negociamos com a equipe de educação do MASJ e eu tive a sorte de realizar tal atendimento. Foi uma experiência muito significativa. Assim, dia 19 de agosto de 2014 me apresentei na portaria na Penitenciária, pontualmente, às 09h00 da manhã. Junto dezenas de pessoas, na maioria mulheres (provavelmente mães e companheiras dos apenados), assim como adolescentes (rapazes e moças) se apresentavam à atendente do balcão e submetiam suas sacolas à uma vistoria prévia.

² Disponível em:

<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_423608.shtml>. Acesso em: 13 de out. 2014.

Dentro delas biscoitos, somente. Percebi inclusive que em alguns casos os biscoitos doces com recheio não puderam entrar. Chegou o momento de eu me apresentar. Em minhas costas a minha inseparável mochila com todos os meus apetrechos e nas minhas mãos um gaveteiro em plástico com três gavetas. Quando a atendente pediu que eu declarasse o que tinha dentro me correu um frio na alma. Disse eu: “partes de esqueletos humanos, artefatos pré-coloniais, dentre eles lâminas de machado feito em rocha, pontas de flechas e batedores”. A moça me dirigiu um olhar como quem estivesse vendo um extraterrestre na sua frente. Ela pediu para ver. Expliquei quem eu era, de onde eu vinha e o que eu estava fazendo ali, afinal, eu tinha sido convidado pela equipe de educadoras do presídio.

Neste momento, outras senhoras que também aguardavam se dirigiram ao balcão junto comigo e dizendo que estavam ali para a mesma finalidade. Isto aliviou a minha situação, pois naquele momento eu tinha a nítida impressão de ter “entrado numa roubada”! A atendente entrou em contato com a pessoa responsável, que aqui vou chamá-la de Tatiane³. Esta 15 minutos depois, veio nos receber, com um sorriso no rosto e mostrando-se muito solícita. Explicou que tal atividade era alusiva ao dia do estudante. Disse, também, que por motivos de segurança teríamos que nos submeter a uma inspeção de segurança.

Na minha cabeça milhares de imagens se sucederam e, literalmente, comecei a suar frio. Adentramos aos pavilhões. No portão de entrada um guichê com diversos seguranças “alterofilados” dirigiam a mim e às minhas colegas olhares escrutinadores. Solicitaram que submetêssemos nossas bolsas e mochilas a um aparelho de raio-X, igual ao que encontramos nos aeroportos. Nem preciso dizer que minha mochila não foi autorizada entrar na penitenciária em virtude dos “artefatos perigosos”, dentre eles uma cartela de analgésico e de remédio anti-gripais, além do meu notebook. Tive que negociar a entrada deste e deixei minha mochila, celular, e carteira no guarda volumes.

Ao investigarem o meu gaveteiro pensei: “agora eu vou ficar aqui por um bom período!” Ao se depararem com o conjunto de ossos humanos (um fêmur, um rádio e uma ulna) o atendente me lançou um olhar de espanto e asco. Perguntou do que se tratava, expliquei, novamente. A pedagoga que nos convidou interveio e acabaram liberando a minha entrada, não sem antes passar por um detector de metais, do tipo

³ Optei por usar nomes fictícios.

raquete. Neste momento, me senti num filme hollywoodiano e o cenário que se revelava à medida que eu adentrava não deixava nada a desejar. Tratava-se de um corredor muito longo que liga diversos pavilhões com grade por cima e nas laterais, que possibilitam um *apartheid* dos humanos “livres” daqueles que são os apenados. Por cima de nossas cabeças diversos seguranças altamente armados se posicionavam em pontos estratégicos. Caminhamos uma dezena de metros. As grades que separam o corredor central, onde “os livres” transitam se abrem isolando os corredores laterais, de uso dos apenados, para que adentrássemos ao pavilhão onde se situam uma dezena de sala de aulas, inclusive a biblioteca e a sala dos professores. Esta não era nada mais do que uma sala, sem janelas, com grossas portas de metais, as quais, num primeiro momento estavam abertas e onde os professores da casa e os visitantes conversavam entre si.

Eu e minhas colegas não conseguimos disfarçar o desconforto da situação, quando um agente se posiciona à porta informando que vai fechá-la para que os apenados se dirijam às salas de aula. Neste momento, entendi um certo grau de claustrofobia. Posicionei-me ao lado do bebedouro do qual bebi meia dúzia de copos de água num intervalo de 15 minutos, creio eu, pois não tinha nem celular, nem relógio em meu poder. Na minha cabeça uma certeza: agora eu era parte de uma instituição total, como diria Erwin Goffman (1974), com características do panopticom (FOUCAULT, 2009). A professora Tatiane percebendo o meu desconforto com a situação pediu desculpas a todos e explicou que este era um procedimento de segurança. Sem dúvidas esta explicação me deixou “muito mais calmo”! Logo depois desta fala a porta voltou a abrir e pensei que não poderia entrar em pânico, pois meu trabalho não tinha nem começado.

Cada convidado, então, foi encaminhado a uma das salas. A mim coube um grupo de alunos que estavam terminando o ensino fundamental. Ao entrar na “sala de aula” me deparei com outra situação bastante peculiar. A sala medindo cerca de 8mX6m, tinha uma grade que separava o espaço do professor da dos educandos. A turma era composta por cerca de 20 pessoas, de faixas etárias variadas. Quando entrei no espaço todos estavam sentados, a professora “Tatiane” me apresentou e me deixou com o grupo. Naquele momento milhões de coisas se passaram na minha cabeça e tive de pensar rápido para estabelecer uma abordagem inicial, pois eu tinha ido até lá para falar de memória, cultura e patrimônio cultural. Creio que já era por volta das 09h45min

quando comecei a falar. Nos dois primeiros momentos de minha fala, confesso que dominei bem a situação. Os alunos ouviram atentamente minha explanação sobre memória e os fenômenos afetos a ela. Quando indagados a respeito do que seria memória, diversos dos que pareciam ser os mais eloquentes dispararam que “é o que a gente lembra”, portanto, ter memória seria sinônimo de ter lembranças. Nisto eu os desafiei a pensar que a memória seria uma atividade humana que serviria mais para esquecer do que para lembrar. Dei alguns exemplos do quão necessário é o esquecimento na vida das pessoas e da sociedade. Que a lembrança seria um ato deliberado que servia para construir identidades, enfim, uma narrativa que seleciona fatos, personagens, artefatos que devem ser lembrados para o bem da consolidação de uma identidade pessoal ou grupal. Percebi, no semblante desses educandos que esta fala repercutiu profundamente, dado a situação em que eles se encontravam, ou seja, do cumprimento de pena por crimes cometidos. Não foi preciso ser explícito nesta questão, mas, imagino que eles pensaram muito a respeito da sua própria vida e do quanto a instituição em que estavam submetidos serviria para ajudar a “esquecer” os episódios que os encarceraram naquele lugar.

Outro assunto que demandou reflexão foi o termo cultura. Fiz duas perguntas capciosas: O que é cultura? E quem a teria? As opiniões se dividiram. Muitos expuseram que cultura teria a ver com a erudição e o acesso aos produtos culturais (espetáculos, exposições, etc.). Um grupo menor, entretanto, advogou em causa própria dizendo que todos a possuíam. Porém, a exemplo da reflexão sobre a memória, alguns aspectos eram mais valorizados do que outros. Neste momento intervi entre as duas reflexões explicando o contexto de validade de ambas as interpretações. Todavia, naquele momento e espaço convidei a todos a refletirem mais a partir da segunda explicação.

Neste instante, percebi que o espaço reservado a mim tinha, pelo menos mais uns quatro professores da casa, acompanhando atentamente a discussão, ao que adentrou ao já apertado espaço um agente prisional chamando um dos alunos, o qual obedientemente se aproximou da grade, virando-se de costas e colando os braços para trás, recebendo um par de algemas. Enquanto isto acontecia, a professora “Tatiane” me explicou que o mesmo tinha uma consulta médica. Não pude disfarçar o meu espanto e meu desconforto, diante da situação. Num relance passou pela minha cabeça as milhares

de leituras que fiz sobre educação como práxis libertadora, e coisas do gênero. Ao mesmo tempo, do fundo da sala, um aluno muito perspicaz disparou: “professor! Não precisa ficar constrangido! Aqui as coisas funcionam desta forma mesmo!” Foi o tempo do aluno algemado sair do conjunto e ir à consulta, não retornando mais à aula. Aproveitei para me desculpar pela reação, explicando que apesar de ter conhecimento de alguns procedimentos, vivenciá-los dessa forma era algo muito diferente. Emendei e disse que aquela experiência, serviria para repertoriar minha linguagem em outros momentos, ao que manifestei o meu desejo de retornar para conversar com eles e outros colegas.

Neste ponto pensei: “agora será o meu ‘grand-finale’. Vou arrasar com a discussão sobre patrimônio arqueológico!” Maieuticamente demandei aos educandos o que seria patrimônio? Fitaram-me por alguns instantes ao que, o mesmo que me confortou diante da situação do colega algemado disparou: “professor, patrimônio é isso aqui!” apontando para a cadeira e carteira onde estava sentado. Com a mão esquerda alcançou a parede da sala-cela, arrematando: “tudo isso aqui é nosso patrimônio! É tudo o que a sociedade investe para construção e manutenção!” Neste momento, fiquei bastante emocionado e satisfeito com a esperteza e a inteligência deste homem que, mesmo confinado, possui um entendimento claro do que seria patrimônio. Os demais olharam para o colega e com ele concordaram. Um deles olhou para mim e perguntou: “professor e o que são essas caixinhas?” Era a deixa que me faltava para iniciar o meu trabalho de sensibilização desse grupo. Olhei para as professoras que acompanhavam atentas a conversa, os chamei para perto da grade, abri as caixa e distribuí os objetos, desafiando-os para que eles mesmos descobrissem o que eu tinha separado para o grupo discutir.

Todos tocaram nos artefatos selecionados. Identificaram claramente o conjunto ósseo. Quando demandei se os mesmos se tratavam de ossos humanos eles disseram que não. Deixei em suspenso. Investigaram os artefatos de rocha e ossos. Perguntei se eles conseguiam observar marcas do trabalho humano. Um deles percebeu claramente a função da lâmina de machado, pois no interior do estado do Paraná, onde ele morava, era comum encontrar tais artefatos. Todos ficaram curiosos e se aproximaram do colega. Estimulei para que ele mostrasse as evidências de uso e fabricação de tais artefatos. Sucessivamente, cada um dos cerca de dez artefatos foram se revelando aos toques e

olhares investigativos. Por fim, o conjunto esquelético: o grupo ficou dividido entre os que imaginavam se tratar de restos humanos ou de animais, alguns até arriscaram dizer que se tratavam de ossos de dinossauros.

Quando revelei a procedência ficaram atentos à explicação. Mostrei através de um conjunto de slides os procedimentos de pesquisa nos sítios arqueológicos. Muitos deles demonstraram conhecer os sítios sambaquis, já que habitavam regiões litorâneas. Neste momento a minha narrativa tentou aproximar a noção de patrimônio expressado por eles, minutos antes, a este conjunto de sítios e artefatos pré-coloniais, como testemunhos da história da ocupação humana em nosso território. Tanto os educando quanto os professores que assistiam à minha performance ficaram muito interessados em relação às informações transmitidas. Quando exibi o mapa com a dispersão dos sítios arqueológicos em nossa região ficou mais claro a importância e o potencial do patrimônio arqueológico para a sociedade como um todo, visto que muitos deles atuam fora da penitenciária, em obras que visam a manutenção dos recursos públicos, incluindo o prédio do Museu Sambaqui e alguns sítios arqueológicos em área urbana, frequentado por um grande número de pessoas.

Neste momento fomos comunicados que o tempo tinha esgotado. Era cerca de 12h00min e todos tinham que se dirigir ao refeitório. Terminei minha fala agradecendo a oportunidade pela experiência me colocando à disposição para outros trabalhos. De lá saí, recuperando todos os meus pertences, mas não mais o mesmo educador que lá adentrou. Lembrei-me da máxima de Heráclito de Éfeso, sobre o processo de mudança que é o que poderia exprimir a razão de existir no mundo: “ninguém entra num mesmo rio duas vezes. Nem a pessoa nem o rio são mais os mesmos”. Sobretudo, senti-me realizado, não por mim, muito menos pela minha atuação, mas pela constatação de como uma abordagem relativa ao patrimônio cultural pode ser potencial e profundamente libertadora, tanto para os educandos quanto para o educador. Sobretudo, me senti desafiado a ampliar as lidas cotidianas do trabalho com o patrimônio cultural, visando incluir pessoas nas mais diferentes condições físicas e sociais.

Por fim, um desafio ficou latente em mim e gostaria de compartilhá-lo com tod@s: de que maneira podemos contribuir, no nosso campo de atuação, com ações educativas libertadoras em espaços que, paradoxalmente, parecem atuar justamente no sentido contrário à todas as premissas que envolvem os processos educativos

comprometidos com a libertação de corpos e mentes ? É possível contribuir para que os sujeitos construam trajetórias mais singulares e com o mínimo de intervenção das identidades preat-à-porte (ROLNICK, 1997) tão em voga em nossa sociedade? E pensando o campo do patrimônio cultural como desencaixar nossos campos de atuação (Arqueologia, Arte, História, Arquitetura, etc.) visando tornar vivo, pulsante e útil essas referências humanas em prol da construção de experiências singulares e grupais do humano?

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed.. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erwin. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_423608.shtml>. Acesso em: 13 de out. 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

ROLNICK, Sueli. Toxicômanos de identidade: subjetividades em tempos de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.